

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 23



Renato Borghetti
João de Almeida Neto



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANCE

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Renato Borghetti



Imagem: V. S. Tavares

Prêmios não faltam na trajetória do gaiteiro Renato Borghetti. E muito menos talento e dedicação. Reconhecido como um dos grandes instrumentistas na atual cena musical brasileira, Borghetti é cria dos festivais nativistas do Rio Grande do Sul, mas tem o mérito de não ter ficado preso a um único estilo. Muito pelo contrário. Desde que começou a maravilhar o país com sua habilidade técnica na execução da gaita-ponto, em meados da década de 1980, Borghetti já dividiu o palco com roqueiros, bluseiros, músicos eruditos e orquestras, entre artistas de vários outros gêneros. É a capacidade de renovação, de atualização, de estar ciente do que acontece no mundo.

Outro feito que merece destaque na carreira do instrumentista nascido em Porto Alegre é a popularização da gaita-ponto, um instrumento que estava em desuso quando Borghetti começou a aparecer nos palcos dos festivais. Com sua revalorização, vários artistas a descobriram e hoje a gaita-ponto faz parte da formação de bandas e é praticamente indispensável quando a intenção é ousar ou emprestar um toque de originalidade à sonoridade de algum espetáculo. Borghetti também é o dono do único disco de ouro para música instrumental no Brasil, o que prova que sua música ultrapassou fronteiras e é ouvida no país inteiro. Borghetti conquistou tudo isso, tendo como referência a música e os ritmos do Rio Grande do Sul, propondo uma cumplicidade com um público que, assim como com os músicos com quem divide o palco, pode ser popular, gaudério ou simplesmente apreciador da boa música instrumental.

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** -Jornalista



Cronologia Biográfica:

Renato Borghetti

1963 - Nasce em Porto Alegre no dia 23 de julho, filho de Alda Becker e Rodi Pedro Borghetti.



Com os pais e o irmão, em 1967.

1968 - Começa a cursar o primário no Colégio Santa Rosa de Lima.

1971 - O pai, então dirigente do 35 CTG, presenteia-o com uma gaita. Logo se tornaria "atração turística" no CTG.

1977 - Ingressa no Colégio Rosário para o II grau escolar, segue apresentando-se no 35 CTG.

1979 - Apresenta-se pela primeira vez, profissionalmente, na IX Califórnia da Canção e a canção *Retorno*, defendida por Juarez Bitencourt, entra no disco do festival com Renato chamando a atenção de todos. A gaita rareava na música regional, principalmente a gaita-ponto, quase em extinção. Borghetti causa furor com sua técnica e com sua presença cênica. Ali começaria a nova ascensão do instrumento para a cultura gaúcha e a de Renato como um dos instrumentistas mais premiados da história dos festivais.

1981 - Cursa Veterinária na UFRGS, que não concluiria, devido a grande solicitação para shows e festivais. Marcava pela técnica e a velocidade, mas também pelo tipo físico. Alto, forte, tímido, cabeludo e sempre um pouco escondido sob a aba do chapéu. Ao tempo que derretia o coração da mulherada, estabelecia um conceito jovem e inovador para a música do RS, naquele momento em fase de intensa discussão sobre "inovar ou conservar".

1984 - Grava seu primeiro disco, destinado a ser uma produção independente. O produtor Ayrton dos Anjos, o "Patinete", entra em campo e fecha contrato de lançamento pela RBS/Som Livre.

O disco vende mais de 200 mil cópias, tornando-se o primeiro (e único) Disco de Ouro da música instrumental brasileira. Relançado em CD, na data em que escrevemos estes fascículos, caminha para 250 mil cópias e um disco de platina.

1985 - É homenageado no Festival dos Festivais (TV Globo) com a composição *Esse Gaiteiro*, defendida pelo Grupo Canto Livre. Lança o segundo disco pela RBS/Som Livre.

1987 - Participa do show de Leon Russel e Edgar Winter (astros internacionais de rock e blues). Apresenta-se na Alemanha (Munique, Frankfurt e Stuttgart entre outras cidades). Grava o terceiro disco, desta vez pela RCA.

1988 - Apresenta-se no Free Jazz Festival, no Rio de Janeiro, dividindo a noite com Ron Carter e Stephanie Grapelli.

Participa pela primeira vez do Projeto Pixinguinha, tocando em várias capitais do norte e nordeste. A partir daí, participaria várias vezes do Projeto, tornando sua música conhecida por todo o Brasil. Grava o disco *Esse tal de Borghettinho*, pela RCA.

1989 - Pela Chantecler, sai seu quinto disco. Casa-se com a bailarina Cláudia Pereira da Costa Borghetti, a "Cadica".

1990 - Apresenta-se no S.O.B.'s, de Nova York. Passa a apresentar-se como solista da "Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro" e da OSPA, em concertos dedicados ao folclore.

Nasce a filha Emily e o casal adota Cátia, de 6 anos, vinda de Alegrete. Grava o disco *O Melhor de Renato Borghetti*, pela RBS/Som Livre.



Com "Orquestra de Câmara de P. Alegre", no Theatro São Pedro.

1991 - Participa do I Country in Rio, tocando na mesma noite de Dolly Parton. Recebe o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Melhor Disco do Ano Categoria Regional. Integra o Projeto Asa Branca ao lado de Sivuca, Dominginhos, Elba Ramalho e Alceu Valença. Pela gravadora Chantecler, sai seu sexto disco e, no mesmo ano, outro pela RCA.

1992 - Representa o Rio Grande do Sul na festa dos 438 anos da cidade de São Paulo, ao lado de Oswaldinho do Acordeom, "Banda Olodum" e Caetano Veloso. Grava o disco *Pensa que Berimbau é Gaita ?*, pela RGE/RBS.

1993 - Em meio a intensa série de shows, lança novo disco pela RGE/RBS.

1995 - Grava para o mercado internacional o disco *Accordionist*, distribuído na Europa pelo selo britânico Prestige Records e no Brasil por Alldisc. Excursiona pelo país dentro do Projeto Brasil Musical, ao lado de Paulo Moura, Hermeto Pascoal, Wagner Tiso, Egberto Gismonti, Arthur Moreira Lima, Altamiro Carrilho e outros grandes instrumentistas brasileiros. Apresenta-se em Montevideo e Buenos Aires.

1996 - Grava em Paris parte de seu disco *Gaúcho* (RGE/RBS), com a participação do argentino Raulito Barbosa e do francês Daniel Colin. Nasce o filho Pedro.

1997 - Apresenta-se em Buenos Aires, São Paulo, Porto Alegre, e Florianópolis com o quarteto do músico argentino Guillermo Zarba. Apresenta-se no Free Jazz do Rio de Janeiro, com Geraldo Flach.

1998 - Realiza exitosa temporada em Portugal. Grava o CD *Gauderindo* pela Atração Fonográfica,

com participação especial de Milton Nascimento.

1999 - Prêmio Açorianos de Melhor Disco Regional. Participa como convidado especial na noite de artistas gaúchos em Sanary (França), no Festival Sud a Sul, com presença de Elba Ramalho, Daniela Mercury e Carlinhos Brown. Lança o CD *Renato Borghetti ao Ritmo de Tio Bilia* (RBS/Som Livre), em homenagem ao grande mestre dos gaiteiros gaúchos e com participação do filho, neto e bisneto de Tio Bilia.

Realiza exitosa participação nas comemorações dos 2000 anos da cidade portuguesa de Braga, ao lado dos melhores acordeonistas portugueses, africanos e do Cabo Verde. Faz o show de abertura do Festival Sud a Sul, em Sanary, França.

2000 - Representa o Brasil na mostra de cultura organizada pelo instituto cultural Wuk em Viena, Áustria, que contou com a presença de outros artistas gaúchos. Apresenta-se em Atlanta (EUA), em convenção internacional de parques temáticos. Faz o show de inauguração do Teatro Pôr-do-Sol, em Porto Alegre, com Geraldo Flach.

2001 - Apresenta-se no Rock In Rio III, em show na Tenda Brasil, com Armandinho e Pepeu Gomes, e com participação especial no show dos "Engenheiros do Hawaii", no Palco Mundo. Nasce a filha Nina.





Depoimentos



" A música do RS não tem uma característica de sair por aí desbravando fronteiras. A principal característica do gaúcho é de apego ao seu lugar; a maioria dos gaúchos que migrou para fora foi historicamente ligada à atividade agrícola; então tem uma coisa muito forte ligada à terra, que faz com que, mesmo estando fora, se queira voltar para cá. Não são todos os estados que têm um interior economicamente forte e capaz de absorver grande shows e eventos artísticos. O nordeste, por exemplo, pode parecer forte, mas é só no litoral e ligado à atividade turística. O pessoal se queixa, mas hoje os artistas têm menos necessidade de ir para o eixo Rio-São Paulo, porque dá para sobreviver no mercado interno. O que facilita um pouco para mim é que faço música instrumental; então não tenho o problema de não entenderem o linguajar."

" Não tenho propriamente uma 'carreira no exterior', mas, das vezes que tenho saído do Brasil, tenho sido bem aceito. Também me mantenho informado sobre o meu instrumento no resto mundo, sei onde estão desenvolvendo bons trabalhos com gaita; então quando chego lá, sei o que fazer para mostrar algo novo e diferenciado e até considerado de vanguarda."

" Na época em que comecei a tocar gaita-ponto aqui no RS, não havia jovens fazendo isso; as referências eram dos músicos mais antigos e músicas antigas; então tudo que eu fazia era sempre uma tentativa, um cara novo tentando fazer algo novo dentro de uma escola antiga. Isso caracterizou a minha maneira de ver a música até hoje. Sou muito ligado à música tradicional, mas naturalmente tento inovar."

" Vivi bem de perto o embate entre as forças conservadoras e renovadoras da música do RS. Principalmente no terceiro e quarto discos, para a época, eles eram estranhos em relação ao que se fazia em música regional e houve um certo clima, uma preocupação talvez até mais das pessoas que conviviam comigo do que com o próprio meio artístico. Mas eu tinha uma convicção muito grande, porque vivo no meio tradicionalista desde pequeno, passei pela internada mirim, fiz declamação, dança e toda a base necessária antes de tocar gaita; tudo que faço hoje é com conhecimento de causa e com respeito pelo que aprendi."



Declamando no 35 CTG, com José Carlos Machado ao violão, em 1977.

" Existem limitações naturais em música regional. Pode-se fazer transformações até o ponto em que deixe de ser regional. Este limite não é imposto por pessoas, mas pelas próprias características da música, não é o MTG ou os CTGs, é só a intenção ou não de fazer uma música gauchesca ou não. E só isso, não tem que teorizar muito. Qualquer um pode fazer a música que quiser, desde que se dê a ela o nome certo. Agora, é claro que se alguém quiser fazer música folclórica, vai ter que respeitar determinados padrões. É importante que se tenha a consciência de que o regional é universal."

"As culturas argentina e uruguaia estiveram sempre presentes no meio tradicionalista em que vivi. Tenho muitos discos e conheço bem a música deles. A Argentina começou uma transformação de sua música tradicional muito antes de nós. Lá, durante muito tempo, de cada três músicas tocadas em rádio, duas tinham que ser argentinas, sendo que uma de cunho folclórico. Apesar de parecer uma coisa ditatorial, isso



Renato Borghetti acompanhado pelo "Conjunto de Cordas de Porto Alegre".

fez com que se criasse um mercado local muito forte. Têm coisas folclóricas feitas lá há trinta anos que até hoje não vi nada melhor em lugar nenhum. O 'Buenos Aires 8', por exemplo, fazia um trabalho vocal e de releituras de Piazzola que podem surpreender até hoje em qualquer lugar do mundo."

"Tenho consciência de que hoje, apesar de relativamente jovem, já sou meio 'tio' de muita gente. É claro que a popularização da gaita ponto, pelo fato de eu ter vendido um disco de ouro nos anos 80, é uma realidade. Vejo uma gurizada por aí tocando o instrumento e sinto orgulho de ter ajudado nisso. Mas isso, é claro, não vem de mim, porque antes teve o Tio Bilia, o Gilberto Monteiro e muita gente que fez a gaita ser o que é hoje; eu só colaborei dentro da minha geração, porque quando eu toquei pela primeira vez, na IX Califórnia, a gaita-ponto parecia que estava em extinção no RS. No disco do 'Nenhum de Nós', eu fui o primeiro a botar uma gaita. Hoje tem o João Vicente do 'Nenhum de Nós' que representa esta safra nova e que já tinha a referência do pai dele, um grande gaiteiro."

"Fora do RS, existe uma curiosidade muito grande sobre a nossa música. As pessoas sabem que existe, mas não conhecem nada. Isso contradiz essa



Ensaiaando com Sivuca, em 1984.



Fotos cedidas por Renato Borghetti.

idéia de que somos discriminados no Brasil. Isto é uma coisa crônica, da qual há vinte anos eu ouço falar, mas não vejo nada disso. É mais fácil ficar aqui reclamando do que ir lá encarar. A gente se parece com a aldeia gaulesa do Asterix. Somos um reduto fechado. É importante fazer bem feito aqui e tentar lá. Não adianta nada ficar reclamando."

" Eu comecei no CTG, mas os festivais abriram as perspectivas. A vantagem do festival é essa. Um músico novo, que não tem condições de montar um show sozinho, tem lá público, palco, som, luz, tudo o que precisa. Essa janela é a coisa mais positiva que eu vejo nos festivais. Pode ter acontecido até de terem proliferado um pouco demais, mas isso é natural. Os festivais ainda são uma coisa muito forte e positiva para o RS.

Os festivais de música sempre foram importantes na história do Brasil. Em um festival como o da Globo, por exemplo, acho que o que menos importa é se foi tecnicamente bom ou se o resultado foi justo; o que interessa é que existiu, muita gente viu e novos e antigos artistas tiveram oportunidade de mostrar seu trabalho para todo o Brasil. Isso por si só já é válido."

" Não vejo problema nenhum em tocar com músicos de outros gêneros. Já toquei com o 'Nenhum de Nós', com os 'Engenheiros', chorinho no Rock in Rio e até arrisquei Villa-Lobos com Turibio Santos. Gostei de tudo e não vejo nada errado, desde que seja como participação especial, dentro do trabalho deles. Em trabalhos meus, eu não faria isso, porque acho que tenho que respeitar minha identidade."



Pensa que Berimbau É Gaita ?

Renato Borghetti

1 D A7
3 D A7
5 D A7
7 D A7 D
10 D A7
12 D A7 D
15
17
19 D A7
21 D A7

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Milonga para as Missões

Gilberto Monteiro

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.

Obs.: Nascido em Santiago (RS), Gilberto Monteiro é um dos grandes instrumentistas do estado e autor de várias músicas que fazem parte do cancionário clássico gaúcho, como “Pra Ti Guria” e “De Lua e Sol”. “Milonga para as Missões” foi um dos grandes destaques do primeiro disco de Renato Borghetti (único disco de ouro da fonografia instrumental brasileira). É notável, além da beleza desta composição, o elevado grau de complexidade musical. Esta é uma das características de Renato Borghetti, que tanto grava suas próprias músicas quanto de compositores como Hermeto Pascoal, Sivuca ou Gilberto Monteiro.



!just digital: V. H. Tangua



João de Almeida Neto

A Voz

Há quem desconheça o lado compositor de João de Almeida Neto. Isso só é compreensível, levando-se em conta que sua voz é tão marcante que, normalmente, se pensa em João como intérprete. Não é de todo uma injustiça, mas algumas de suas composições tornaram-se bem conhecidas, como *Meu Canto* (em parceria com José Vilella) ou *Nova Trilha* (com Nilo Barros Brum), por terem vencido grandes festivais. Há também *O Coração do Gaúcho*, obra prima de humor inteligente que nem dá para enquadrar como "tragicômica", ou coisa que o valha, pelas circunstâncias em que foi composta. Quem, se não o João, poderia compor algo tão engraçado (e ao mesmo tempo profundo), fazendo piada com uma situação que o levava a extremo sofrimento pela incerteza quanto ao destino de um grande amigo? Só quem já tomou uma pilha de cervejas com ele pode entender. É um clássico do humor gaúcho. Do mesmo modo, João pode ser um cara muito sério, capaz de comprar uma briga por mais forte que seja o lado contrário (talvez por isto mesmo tenha se tornado advogado). Foi capaz de compor uma canção, *Vozes Rurais*, afrontando um movimento do qual discordava e foi lá justamente concorrer com ela no campo do "adversário". Na verdade, esse antagonismo é puramente intelectual, porque ele é amigo de todo mundo e sobre isto ele vai falar neste fascículo. Aqui cabe ressaltar que, em uma incongruência que só poderia acontecer com ele, o João compositor foi "prejudicado" pelo João intérprete. É que ele é considerado um dos maiores cantores gaúchos de todos os tempos, sendo sempre mais lembrado por isso do que por qualquer outra coisa. Tem mais de 200 gravações em discos de festivais, sendo, provavelmente, o recordista nesta seara. Fica brabo quando alguém diz que é o "Nelson Gonçalves do Sul" (como se Nelson também não fosse gaúcho), ou que é o "Sinatra dos Pampas". Não! Ele quer ser o João de Uruguaiana mesmo.

João de Almeida Neto é, em última análise, resultado de dois fenômenos da música regional gaúcha: os festivais nativistas e as casas noturnas temáticas do gauchismo. Considera, mesmo, o divisor de águas em sua vida profissional, o surgimento do Bar e Restaurante Pulperia. Por sua "militância" neste local, quase deixa de formar-se em Direito. Talvez nem ele mesmo saiba de sua própria importância e, com aquele jeito bonachão que o caracteriza, desfaça um pouco de sua trajetória como músico, mas quem conhece a história dos festivais do Rio Grande, sabe muito bem que, sem ele, a coisa não seria a mesma. João fez escola, fez música, fez história e está cristalizado nela. É um dos maiores nomes de nossa música no século XX.

Henrique Mann - Editor



Cronologia Biográfica: João de Almeida Neto

1956 - Nasce em Uruguaiana, filho de Elza e Moacir Duarte de Almeida. É criado na campanha e cursa o primário na Escola Mal. Cândido Rondon.

As principais lembranças musicais deste período são de um peão da estância da família que tocava violão e o programa de auditório "Rodeio Charrua", da Rádio Charrua de Uruguaiana.

Ganha um violão da mãe, e seu primeiro professor, João Carlos Chavasco, ensinava-lhe músicas italianas e espanholas. João não gostava das aulas.

1969 - Ingressa no curso ginásial do Instituto União de Uruguaiana. Ali, o professor Getúlio de Almeida promovia os "grêmios artístico-literários", onde os estudantes declamavam, tocavam e cantavam.

O professor ministrava técnicas de oratória e desinibição. João tocava violão nestas oportunidades, e o repertório era Chico Buarque, Toquinho e Vinícius.



Com amigos, em sua formatura.

1973 - Entra na Escola Elisa Vargas, para o curso científico. João integra-se ao grupo de teatro, comandado pela profa. Giselda Lanziani, que o escala no elenco como cantor. Com os músicos deste grupo escolar, passa a realizar serenatas.

1976 - Muda-se para Porto Alegre, onde cursa a Faculdade de Direito na Unisinos. Junto, veio um dos colegas de serenata, Luís Felipe Delgado, com quem passa a tocar nas rodas de samba da faculdade.

1979 - A dupla conhece o músico argentino Martin Coplas que, com Luís e João Batista Marçal, compõe *Cantochão do Alambrador*. A música, interpretada por João de Almeida Neto, classifica-se para a Califórnia de Uruguaiana. Apesar de não obter premiação, João de Almeida Neto chama a atenção como intérprete.

1980 - Com o mesmo grupo, João defende a milonga *Tropeiro Cantor*, na Tertúlia Musical Nativista de Santa Maria, vencendo o festival.

Alguns dias depois, fica em segundo lugar na I Coxilha Musical Nativista de Cruz Alta, com a sua composição *Meu Canto*, em parceria com José Luís Vilella, arrebatando o prêmio de melhor intérprete. Uma curiosidade é que, como não havia decorado a letra, colou-a no braço do violão. A cada estrofe dava uma olhada, fazendo um floreio para disfarçar. Diz que por isso ficou com uma "imerecida fama de bom violonista".

1982 - Um divisor de águas na vida de João (e de vários músicos locais): o bar e restaurante Pulperia. O empreendimento de Thomas Barcelos e Dorotéo Fagundes (assumido depois pelo Munhoz) foi o grande reduto



Com Gaúcho da Fronteira, no Bar e Restaurante Pulperia.

do nativismo e primeira casa noturna temática da cultura gaúcha estabelecida em Porto Alegre.

João passou a integrar o elenco fixo da casa, apresentando-se junto aos grandes nomes do nativismo da época. Começou a ganhar dinheiro, trabalhando por *couvert*, já que a casa tinha intenso movimento.

Torna-se músico profissional. Mas ao mesmo tempo, deslumbrado com a noite, abandona a faculdade, faltando poucos meses para concluir o curso, caindo na farra.

1983 - Vence novamente a Tertúlia de Santa Maria, desta vez com sua composição *Nova Trilha*, em parceria com Nilo Barros de Brum. Foi a afirmação de seu nome, já em ascensão, na música regional. Os músicos que o acompanhavam eram também figuras ilustres, como Talo Pereira no violão e Porca Véia na gaita. Passa a ser contratado para os shows de intervalo dos festivais.

Provoca intensa polêmica com sua composição *Vozes Rurais*, segunda colocada no Festival I Musicantto de Santa Rosa. A letra protestava contra influências por ele consideradas deturpadoras da música do Rio Grande do Sul (ver declarações neste fascículo).

1986 - Vence uma das linhas da Califórnia da Canção e recebe o prêmio de Melhor Intérprete com a música *Provinciano*, de Mário Barros e Mário Eleu Silva.

1987 - Começa uma extensa lista de premiações que o coloca entre os maiores vencedores de festivais da história do estado. Até o ano 2000, teria aproximadamente 200 gravações em discos de festivais e mais de uma centena de prêmios de melhor intérprete.

1989 - Grava seu primeiro disco solo, o LP *João de Almeida Neto*, produzido por Ayrton dos Anjos para a Polygram.

1990 - Premiado pelo IGTF, com júri formado por jornalistas, como "Cantor da Década".

1992 - Sai seu segundo disco homônimo, produzido também por Ayrton, desta vez para a RGE.

1994 - Retorna à faculdade conduzido "meio pela orelha" pelo promotor, radialista e comunicador Cláudio Brito, razão pela qual João o trata até hoje por "padrinho".

Grava seu terceiro disco, *Palavra de Cantor*, pela RGE.

1995 - Assume, no Tribunal de Justiça do Estado, a função de assessor do Desembargador Nelson Souza Rassier. Passa a adequar a atividade jurídica com a musical.



Com Cenair Maicá e Chaloy Jara.



Capa do CD "Coração de Gaúcho".

1996 - Realiza concerto com a "Orquestra de Cordas e Sopros de Lages"(SC), com arranjos sinfônicos para seu repertório regionalista. O espetáculo foi posterior-

mente apresentado também em São Joaquim (SC), Triunfo e Osório (RS).

1997 - Premiado com o Troféu Vitória, pela Secretaria Estadual da Cultura, como Melhor Cantor do Ano.

1998 - Desliga-se do Tribunal de Justiça e atua pela primeira vez no Tribunal do Júri, na comarca de Guaíba, defendendo réu acusado de homicídio e conseguindo sua absolvição.

2000 - Grava o CD *Coração de Gaúcho* pela USA Discos, produzido por Mauro Moraes.

Participa do CD *Norte In Sul*, de Henrique Mann, co-interpretando a canção *Eu Vim do Sul*, de Jerônimo Jardim.

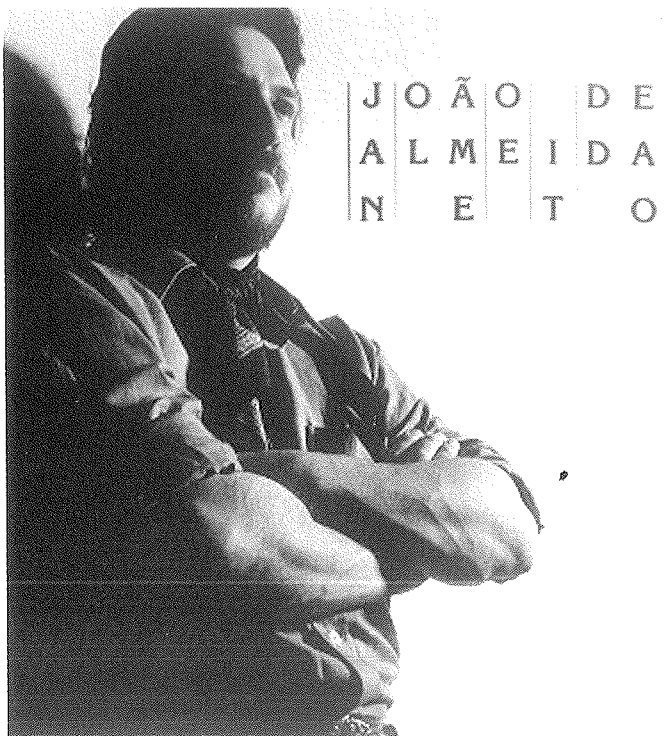
Indicado ao Prêmio Açorianos de Melhor Intérprete Regional.

2001 - Novamente indicado ao Prêmio Açorianos, na mesma categoria, vencendo desta vez.

Grava o álbum duplo *João de Almeida Neto nos Festivais*, sendo o disco 1, *O Poder da Arte e da Palavra*, e o 2, *Braço, Paixão e Fé*. É considerado pela crítica como um dos maiores intérpretes da história dos festivais gaúchos; sua biografia o comprova.



Na X Tafona



Depoimentos

"Compus 'Vozes Rurais' em função da polêmica que havia sobre se os festivais deviam ou não abrir para uma concepção pretensamente mais moderna. A minha posição era (e ainda é) a seguinte: evidentemente não sou um reacionário para ficar contra qualquer transformação, mas esta transformação tem que ser feita por quem conhece a estrutura da música regional.

Quem trabalhava com jingles em Porto Alegre não podia avocar para si o direito de fazer uma transformação cultural tão importante, porque não tinha conhecimento de causa. Para propor alterações na milonga, tinha que saber tocar as antigas primeiro.

Na época, o movimento era uma vitrine extraordinária. Então o pessoal da chamada MPG, que estava em baixa, começou a posar nos palcos do movimento nativista e, como não sabiam tocar música tradicional, rotulavam aquela música que eles faziam de 'nova música do sul'.

Só que não era nova, mas simplesmente a que eles sabiam fazer. Eram músicos fantásticos, mas não tinham identidade com as raízes da coisa. A minha questão com este episódio não é sobre qualidade e sim de identidade.

Nós já estávamos mudando profundamente a linguagem da música crioula. Vozes Rurais foi composta no calor desta polêmica.

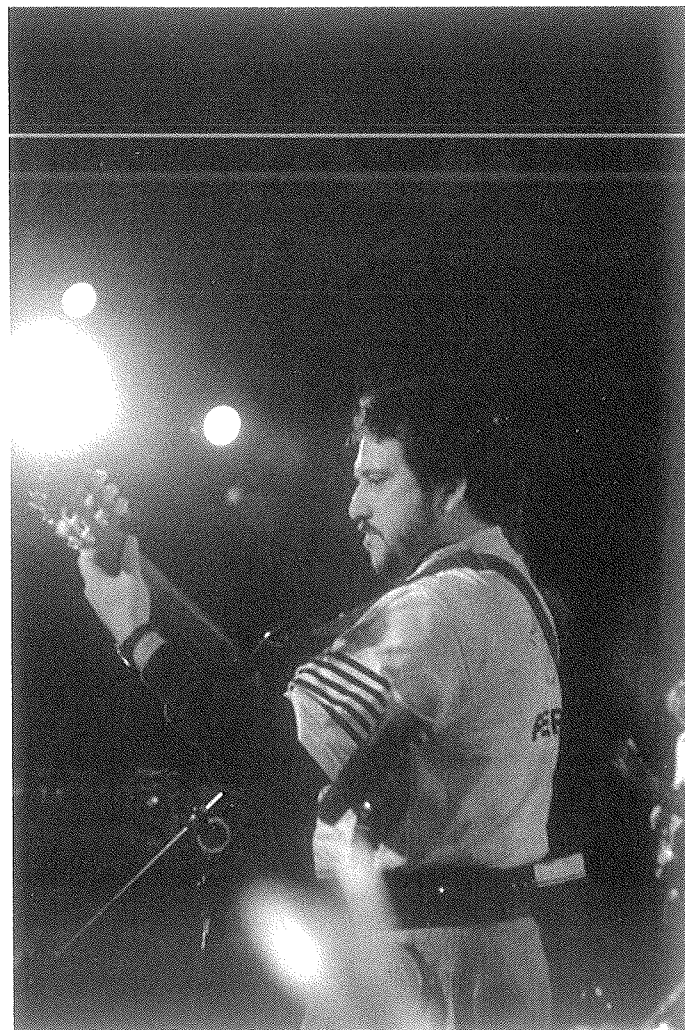
O Musicanto representava justamente estas mu-

danças, e eu não concordava com aquilo. Fui lá com esta música justamente para fazer frente; achava um absurdo que viesse gente de Minas Gerais com a proposta de mudar a nossa música.

Aqui não é a casa da mãe joana. Por que que eles não vão mudar a música deles? Quem tinha uma posição mais moderada frente àquelas propostas de mudanças se identificou com a bandeira ideológica proposta por Vozes Rurais, e a música realmente me firmou como um cara atuante dentro do nativismo."

"O termo conservador é pesado, porque remete a uma imagem reacionária. Eu sou conservador no sentido preservacionista da palavra.

Por exemplo: não posso concordar com a proposta de divisão do estado do Rio Grande do Sul. Como é que vamos atorar pelo meio uma história que foi construída com tanta luta durante séculos? Isso é ser reacionário. Da mesma forma que não se pode pegar a nossa música e entregar simplesmente aos interesses de alguns."





Fotos cedidas por João de Almeida Neto.

João de Almeida Neto, com Orquestra em Osório, RS.

" No centro do Brasil tem pouco gaúcho. É claro que, com a predominância de nordestinos, a nossa música não pode mesmo ser mais executada do que a deles. A nossa música penetra muito mais no Paraná, Sta. Catarina e no Mato Grosso, porque há mais gaúchos morando nesses lugares, há mais base para germinação da nossa cultura. É uma questão de mercado."

" Não tenho preconceito contra nada. Tenho é gosto. Não gosto de música sertaneja, mas adoro samba. Cada leitão na sua teta. Quem faz música gaúcha, rock ou chorinho deve ficar na sua. Se eu tiver que gravar um disco de samba, vai ser 'João Canta Samba', mas samba mesmo, não ficar dizendo que sou um gênio e criando um novo samba, botar apelido novo no samba, porque tenho primeiro que respeitar a velha guarda da Mangueira e o Paulinho da Viola."

" Ao contrário do que prega o pensamento dominante no mundo globalizado, acredito que a diversidade cultural é que dá colorido ao universo e mantém a independência dos povos. Não comungo desta inteligência moderna que dita a unidade e padronização cultural. Quero continuar falando português (com sotaque de

fronteira), tomando chimarrão, comendo churrasco e escutando milonga. Esta investida dos colonizadores culturais não é novidade na história da humanidade. O pioneirismo talvez se deva creditar a Júlio César, depois Napoleão e Hitler; que tentaram impor seus modelos ao mundo e, sem exceção, sucumbiram ante os povos que pretenderam subjugar; que gostavam de adorar seus próprios deuses e, entre outras coisas, ouvir sua própria música."

" Amo as manifestações de cunho regionalista. Elas são as expressões voluntárias dos diversos mundos espalhados pelo mundo. Retrata as atividades, os sentimentos e o caráter dos povos. O mundo só é assim, grande e belo, porque em cada rincão do planeta existem homens conscientes de que é sobre nossas peculiaridades culturais que devemos construir nossas casas, nossas cidades e nossos países. Podemos concluir que movimentos desta natureza revestem-se inclusive de caráter revolucionário, porquanto sejam um foco de resistência à dominação cultural e intelectual. Através do nativismo, cantamos, difundimos e mantemos nossa identidade. Somos nós mesmos. Realçamos nossas vocações e traçamos nossos destinos, livres e espontaneamente."



Coração de Gaúcho

João de Almeida Neto

1 *Ab* *Eb*
 EU RE CHEI U MA NO TI CIA QUEBO GA U CRO DA FRON TEI RA AN DOU TEN DOURS "FI RI

6 *Ab* *Fm*
 DA QUE? NO FIM DU MA SEX TA - FEI RA... QUEBO CO RA ÇÃO DO GA U CRO, QUEBOM CO RA ÇÃO DE PRI

12 *Eb* *Ab*
 MEI RA RU MA AII TU DE SEM LU XO, QUÁ SE QUE FEZ O GA U CRO, SEM RE DAR NAS BO LHEA DEI RAS!

17 *Ab* *Eb*
 E EU, CO MO SOU A MI GO... DES TA JÓI A BRA SI LEI RA, CI QUEI MUI TO FREBO CU PA DO,

23 *Ab* *Fm*
 MEI HA WAU MA TRE ME DEI RA... EN TÃO EU SA I COR REN DO, POR ES SA CI DA DEM

28 *Fb* *Ab*
 TEI RA, PRO CU RAN DUM CO RA ÇÃO, QUE II TES SE CON DI ÇÃO, DE CON CER TAR A "POR QUE RÁ", UNS QUE RI AM DAR DI

33 *Ab* *Eb*
 NHEI RO, OU TROS FA ZER O RA ÇÃO, MAS CO RA ÇÃO NEN GUÉM DA VA,

38 *Ab* *Fm*
 SEM PREA RES FOS TA ERA NÃO... E SE DE PEN DES SE DE LES, NÓS I A FI CA NA

43 *Eb* *Ab*
 MAO, BEI A PRIN DE NES TEEN DRE MEI O, QUEBOS SO MUN DO TÁ CHEI O, DE GEN TE SEM CO RA ÇÃO! PEN SEI EM TE DAR O

48 *Ab* *Eb* *Ab*
 MEU, QUEBU SOUCM A MI GO DE FE MAS LO GO VI QUE NÃO DA VA E VOU TEEX FII CAR "FOR QUE",

54 *Fm* *Eb*
 EU SEM BOAS SIM CO MGEI SOU... SOU I GUAL AO QUE TU E, SO FRO DA MES MAA FII

58 *Ab*
 ÇÃO, E NÃO TE DOU MEU CO RA ÇÃO, POR QUEBU JA DEI PRAS "AU DE"

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Vozes Rurais

Milonga

João de Almeida Neto

1. CADA VEZ QUE UM CAMPEIRO ABRE O PEITO NUM GALPÃO INTERIOR QUE ELE TRAZ QUEM NÃO QUER O RIO
GRANDE CANTANDO COM RAZÃO SEM SENTIDOS DESFAZ. 2. MAS NO MEIO DE CANTOS ESTRANHOS
E FOGEM AOS ATÁVICOS TONS MUSICAIS ESTÃO ELAS DE BOTA E BOMBACHA
SUSTENTANDO OS PADRÕES CULTURAIS. MOMENTISTAS E CIRCUNSTANCIAIS SURGE O FORTE REFRAO DAS CAMPANHAS ENTOADO POR
VOZES RURAIS. ESTR.: DÊ-LHE BOCA A ESTAS BOCAS CANTORAS REDENTORAS DA VOZ DOS GALPÕES
DÊ-LHE PATAS E DESATA ESTE BRADO DOS SAGRADOS RITUAIS DOS FOGÕES. DÊ-LHE GÕES.

Cada vez que um campeiro abre o peito
num galpão interior que ele traz
quem não quer o Rio Grande cantando
com razões sem sentidos desfaz.

E entre cantos que negam e fogem
aos atávicos tons musicais
estão eles de bota e bombacha
sustentando os padrões culturais.

Mas no meio de cantos estranhos
momentistas e circunstanciais
surge o forte refrão das campanhas
entoado por vozes rurais.

Que não falte coragem a estes homens
contra o tempo agüentando o repuxo
e que a estranhas tendências imponham
o autêntico canto gaúcho.

Estr.: Dê-lhe boca a estas bocas cantoras
redentoras da voz dos galpões.
Dê-lhe pata e desata este brado
dos sagrados rituais dos fogões.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

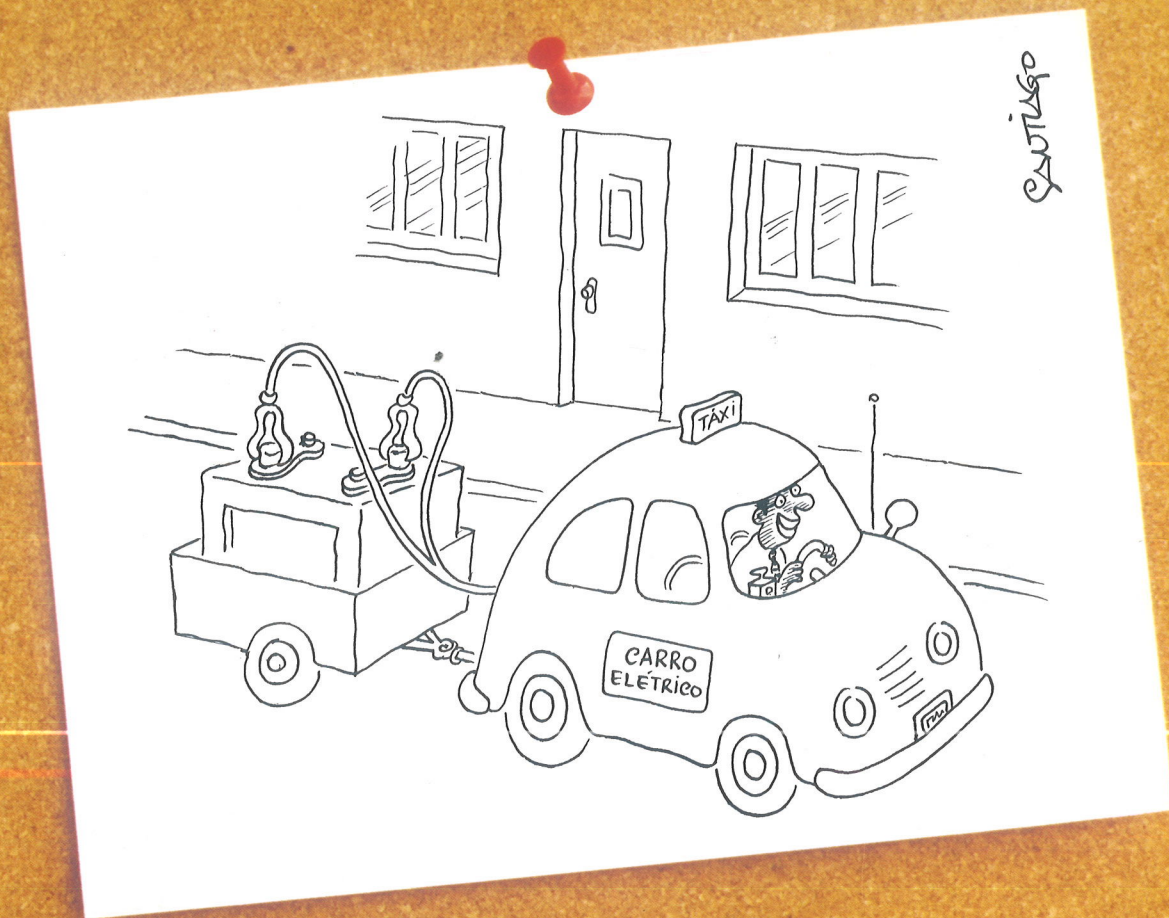
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



CEEE
www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura